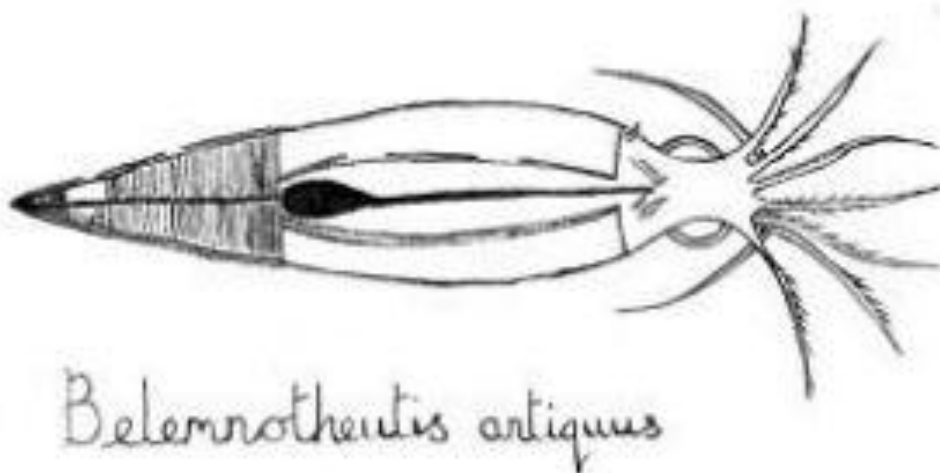


Lula jurássica desenhada com a própria tinta

graças à sua esperteza

[RICARDO COSTA](#) abril 2015 *

A equipa do cientista britânico Dr. Phil Wilby desenhou a imagem da belemnite — uma lula do Jurássico — com a própria tinta do animal. «Achámos que seria ... o seu último auto-retrato», disse ele. Graças a estes cientistas, podemos assim contar a história de como foi possível obter-se essa tinta, recurso vital de um ser extinto há milhões de anos.



Tal feito não seria no entanto original. Logo no início do século XIX, uma célebre colecionadora de fósseis da região de [Lyme Regis](#), na costa sul da Inglaterra, [Elizabeth Philpot](#), descobriu que a tinta das belemnites fósseis do Jurássico podia voltar a ter vida sendo dissolvida em água. A descoberta levou vários ilustradores a utilizá-la, tornando-se isso prática corrente de artistas locais. A região de Lyme Regis seria entretanto classificada pela UNESCO como património mundial, caso notório, dada a monumentalidade das suas arribas e a riqueza dos vestígios do [Jurássico](#) que alberga.

A costa da [península de Peniche](#) reúne vestígios idênticos numa área bem mais restrita. As [lajes estratificadas](#) da encosta da Praia do Abalo, mais conhecida como Praia dos Charutos, situada a norte entre a [Ponta do Trovão](#) e a Papoa, tem uma excecional concentração de rostros de [belemnites](#). A geologia da península, associada ao [arquipélago das Berlengas](#), é unanimemente considerada por especialistas como única e valiosíssima a nível mundial, incluindo os

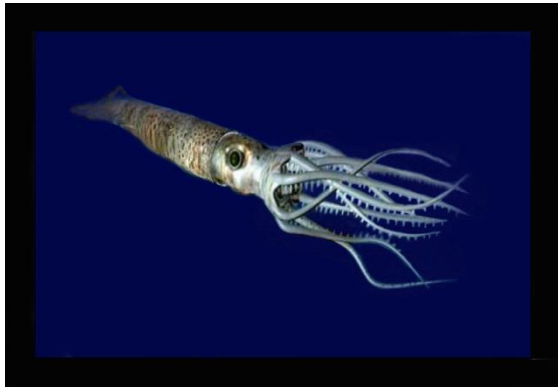
[estratos calcários](#) que se prolongam para sul da península, em cujas encostas se implanta o monumento geológico e pré-histórico da [Gruta da Furninha](#). Neste triste caso, um [património memorável](#) da história do planeta Terra, que brilharia como ex-libris da cidade, encontra-se ao abandono e seriamente degradado.

A HISTÓRIA

Há 155 milhões de anos, no fundo de um mar estagnado, proliferavam algas que envenenaram milhares de criaturas. A [belemnite](#) começou então a comer os cadáveres e, tal como eles, acabou em poucos dias,



enterrada no leito de um mar rico em fósforo. Mineralizado o seu corpo por dentro e por fora, a imagem do animal ficou salva. Bastaram poucos dias de podridão para que o saco que guardava a tinta se soltasse do corpo, petrificando: a água do fundo do oceano, muito ácida, reagiu de imediato com a [melanina](#) existente na tinta, tornando-a sólida e resistente.



Quase todos os fósseis animais são corpos que ficam embutidos nas rochas. As partes desses corpos que menos apodrecem são as conchas e os ossos. Poucos fósseis existem no mundo que sejam impressões de

partes moles de um corpo. Mais raro ainda é encontrarmos material fóssil proveniente de um organismo, como a tinta de um [cefalópode](#). «É quase inacreditável encontrar-se coisas destas», disse o Dr. Wilby.

NOTAS



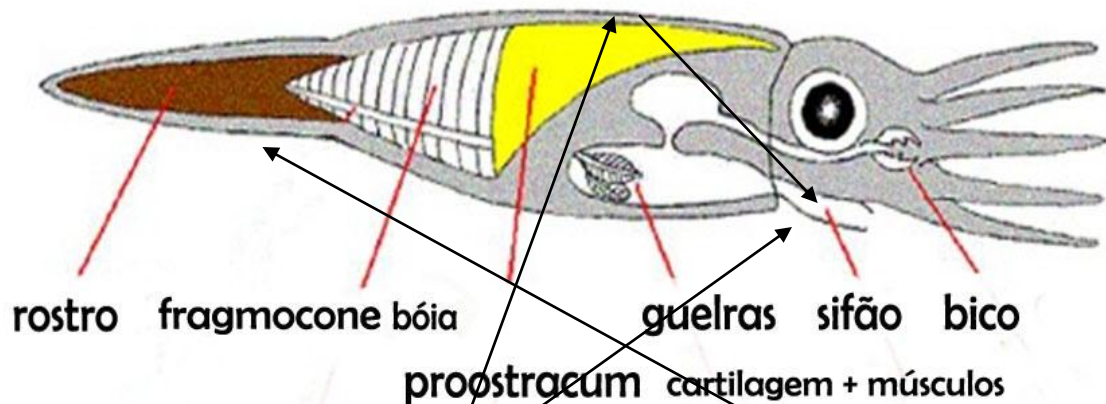
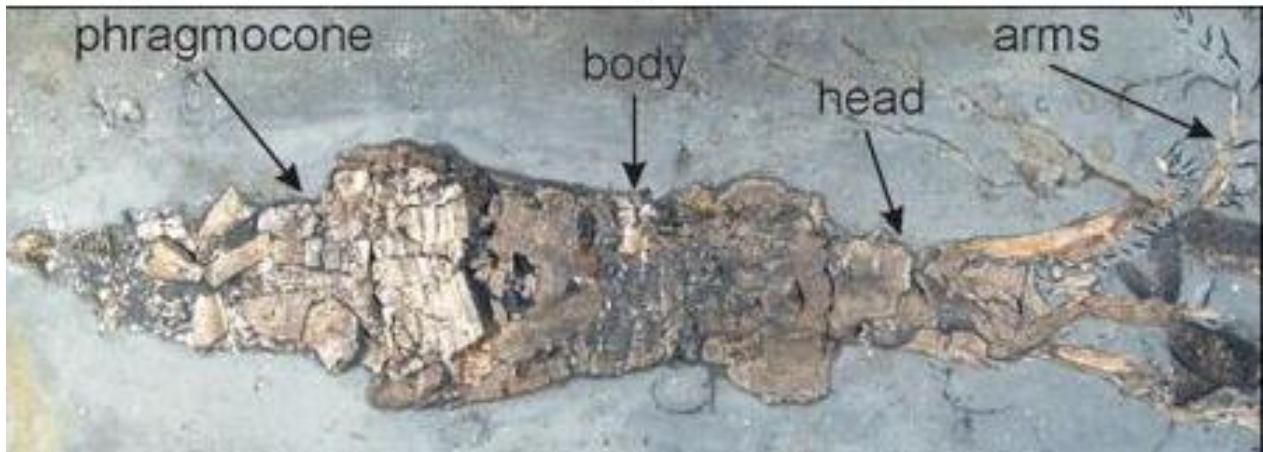
A tinta nem sempre se decompõe. Acontece descobrir-se fósseis de belemnites incrustados na rocha com os restos do animal que a produziu. E tão bem ele ficou preservado que lá aparece um naturalista que consegue desenhar o retrato de uma lula fóssil com tinta guardada durante milhões de anos num saquinho que não fossilizou.

fragmacone

corpo

cabeça

tentáculos



É no rostro (cauda neste caso) que se encontra alojado o saco de tinta de uma lula, ligado ao sifão por um fino canal. A tinta é utilizada pela lula como arma de defesa. Quando perseguida por um predador, solta esguichos dessa tinta preta para a água pelo sifão a fim de lhe toldar a vista. Foge às arrecuas, olhos fixos no agressor, movendo-se a jacto, a alta velocidade. Ao contrário das lulas de hoje, tem dentes nos tentáculos em vez de ventosas. Todos os animais são inteligentes a este ponto: adaptam-se ou evoluem, cientes do que precisam, criando e manobrando com sofisticado engenho um corpo eficaz.

JURÁSSICO

Na escala do tempo geológico (desde a formação da Terra até hoje), o período jurássico situa-se entre há cerca de 200 e 145 milhões de anos. As belemnites eram comuns nesse período. O seu desaparecimento sucede durante a [extinção em grande escala](#) de espécies animais e vegetais ocorrida há 65 milhões de anos, devido ao alastramento global de uma fina camada de argilas tóxicas contaminadas por um metal pesado, o [irídio](#). Este cataclismo é atribuído, na teoria com maior consenso, ao embate de um meteoro com a Terra, o que teria também causado a extinção dos dinossauros. Outra teoria dominante sugere que a catástrofe se deve a violentas explosões vulcânicas, ocorridas nesse período, que teriam alterado o clima com emissões maciças de [CO₂](#). Há quem junte ambos os motivos.

Seja como for, que sorte a nossa só termos visto a luz do sol [uns tantos anos](#) depois de tudo isso!...

© Ricardo Costa, Abril 2015

★ [PEDRAS](#) um tema do filme [ARRIBAS](#), 3º da trilogia [LONGES](#)

REFERÊNCIAS

- [Lula](#)
- [Belemnites](#)
- [Jurassic Squid Drawn in Own Ink — Again](#)
- [Mecanismo de defesa de cefalópodes é usado há 160 milhões de anos](#)
- [Ponta do Trovão](#)
- Cit [BNPS.CO UK](#)
- [Extinção Permiano-Triássico](#)
- [Estudo confirma que meteorito causou extinção dos dinossauros](#)
- [Efeito KT](#)
- [Fósseis, os narradores da história do planeta](#)
- [Património geológico no litoral de Peniche : geomonumentos a valorizar e divulgar](#)